Cadernos FIOCRUZ de Saúde Global e Diplomacia da Saúde 02/2026

11 de fevereiro a 3 de março de 2026

Sumário Executivo

Lamentavelmente, somos obrigados a iniciar este texto com guerras, mortes, feridos e territórios destruídos!

As ações militares conjuntas entre *Israel e Estados Unidos* escalaram *a guerra no Oriente Médio* numa dimensão sem precedentes nas últimas décadas, apontando para uma guerra total. Ao primeiro ataque ao *Irã,* na manhã de sábado, 28/02, seguiram-se o revide daquele país, bombardeando bases militares americanas e outros alvos em diversos países da região, e os subsequentes novos bombardeios, agora contra Líbano, alegadamente por causa do Hezbollah. Novas frentes de mortes, sequelados e insegurança global estão estabelecidas.

Essas notícias invadiram nossas casas e nossas mentes e corações no último final-de-semana de fevereiro e primeira de março. Enquanto delegações dos EUA e Irã negociavam em Genebra, aviões levantaram voo e mísseis foram disparados contra Teerã e outras cidades iranianas, e não apenas contra alvos militares de armas nucleares do Irã, razão invocada para os bombardeios, mas também contra alvos civis, como uma escola de meninas, nesse caso matando 175 pessoas, segundo o NYT. Nestes primeiros dias estima-se um total de cerca de mil mortes e milhares de feridos, militares e civis, de ambos os lados. O mundo prende a respiração, esperando os desdobramentos.

O aiatolá Khamenei e chefes militares iranianos foram eliminados. Entretanto, o regime ditatorial iraniano já anunciou uma recomposição no poder político e militar e declarou *Jihad*, a guerra santa. Trump, o autodenominado pacifista, não pediu autorização do Congresso dos EUA para iniciar a guerra, em mais uma transgressão ao que manda a Constituição do país. Ele e Netanyahu dizem que vão prosseguir até alcançarem objetivos (vagamente definidos), como uma suposta "substituição do regime". Por quem, quando e a que custo, perguntam-se os analistas políticos.

Em artigo especial, ***Jeffrey D. Sachs & Sybil Fares*** dizem que "este ataque ilegal dos EUA e de Israel contra o Irã também é um ataque às Nações Unidas" (leia neste fascículo).

Os efeitos econômicos já se fazem sentir globalmente, com o aumento do preço do petróleo, devido ao fechamento do estreito de Ormuz, no Golfo Pérsico, dominado no lado norte pelos iranianos, e por onde passa cerca de 20% do cru produzido no mundo.

Dezenas de países, incluindo o Brasil, protestaram e pediram moderação e negociações. Reunião extraordinária do Conselho de Segurança da ONU foi convocada. Os subservientes de sempre se manifestaram a favor. A Europa, por exemplo, condenou os bombardeios do Irã, mas não os dos EUA-Israel, exceto a Espanha. O CS passa a ser presidido, a partir de 1º. de março, pelos EUA. A primeira reunião foi presidida por Melanie Trump.

A escalada de uma guerra na região pode se transformar numa ameaça existencial para o mundo, pois diversas potencias nucleares podem se envolver. Está tão intensa, que os aliados EUA-Israel temem pela falta de munição. Oxalá o mundo fosse presenteado pela escassez de armas em todos os lados.

Senhor absoluto da Guerra no Oriente Médio, além de abrir novas frentes de guerra, *Netanyahu* continua com apoio total para implementar a limpeza étnica e a ocupação definitiva da faixa de *Gaza*, o fortalecimento da colonização da *Cisjordânia*, e a permanência das forças israelenses nos territórios palestinos ocupados. A questão da palestina, em Gaza e na Cisjordânia, não pode ser ofuscada pela frente de guerra aberta no Irã e em outros 10 países.

Por outro lado, analistas políticos se perguntam sobre os interesses envolvidos com a atual situação de "*guerras permanentes*" – como na Ucrânia e agora a escalada no Oriente Médio, contra o Irã e em outros países – identificando que o maior beneficiário vem a ser o complexo industrial-militar dos EUA, com quem o governo Trump tem nítidos laços políticos e econômicos. Entretanto, as iniciativas militares de Trump no Oriente Médio testam a unidade do movimento MAGA em ano de eleições de meio de mandato nos EUA, pois suas bases mais tradicionais criticam o envolvimento externo do governo, em detrimento da priorização de políticas internas.

A gravidade da situação no Oriente Médio é tamanha que ofuscou outra guerra que estalou, entre *Paquistão e Afeganistão*, na encruzilhada entre a Ásia Central e o Sul da Ásia, região também chamada geopoliticamente de *Af-Pak*. Escaramuças fronteiriças se instalaram depois que os Talibãs retomaram o poder no país, após a atabalhoada saída das tropas americanas, em 2021. O *Pak* tem armas nucleares; o *Af* tem milícias distribuídas no território paquistanês.

Também ofuscou a *guerra na Ucrânia*, que seria resolvida nos primeiros meses, segundo declarava o presidente ao assumir, e que completou 4 anos, com milhares de vítimas e sequelados.

O que dizer, então, das guerras que continuam ceifando vidas e gerando sofrimentos em regiões menos nobres, politicamente, como os conflitos de brutais impactos humanitários nas *guerras esquecidas no continente africano*, particularmente no Sahel, e em especial no Sudão, sobre o qual a OMS tem feito alertas e pedidos candentes, face à imensa crise humanitária no país, depois de mais de 1.000 dias de guerra ininterrupta https://www.who.int/news/item/09-01-2026-sudan-1000-days-of-war-deepen-the-world-s-worst-health-and-humanitarian-crisis. A OMS estima que 33,7 milhões de pessoas precisarão de ajuda humanitária este ano, mais de 20 milhões necessitando assistência médica e 21 milhões desesperadamente necessitando de alimentos. O Sudão vive a pior crise humanitária do mundo.

Conforme o Lancet https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(25)02596-6.pdf, os impactos de guerras na saúde são drásticos: destruição de instalações, deslocamento, fome, pobreza e interrupção do atendimento para doenças não transmissíveis, saúde materna e saúde infantil. Os conflitos também impulsionam a securitização da saúde, restringindo o acesso a dados, politizando a vigilância e limitando a pesquisa independente e a sociedade civil. Essas dinâmicas enfraquecem os sistemas institucionais necessários para a sustentabilidade da saúde pública.

De outro lado, o que continua preocupando os que olham o mundo como um único planeta ameaçado é que todos os recursos estão indo para armas e destruição; migalhas, se sobrarem, para o desenvolvimento e a cooperação. É o que alerta, por exemplo, o documento do SG da ONU, António Guterres, *The Security We Need: Rebalancing Military Spending for a Sustainable and Peaceful Future* (Ver: https://front.un-arm.org/Milex-SDG-Study/SG_Report_TheSecurityWeNeed.pdf). Segundo o informe, os gastos militares globais atingiram cifras imorais recordes, chegando a US$ 2,7 trilhões em 2024, dando continuidade a uma

tendência de alta que já dura uma década; recursos que deveriam ser utilizados para o *desenvolvimento sustentável*, acabando com flagelos globais como a fome e melhorando diversos componentes da qualidade de vida de toda a população vulnerável do planeta, além de encaminhar soluções para as mudanças climáticas e a imensa tríplice crise ambiental (clima, biodiversidade e poluição) que ameaça a existência de toda a vida na Terra.

Outras dimensões da geopolítica global

A política externa belicosa dos Estados Unidos da América, sob a condução do presidente Donald Trump no seu segundo mandato, continua dando o tom nas relações internacionais, com idas-e-vindas nas relações políticas e econômicas com a maioria dos países do mundo. Com base nas propostas do *America First* para *Make America Great Again*, que desprezam a cooperação e a solidariedade, o direito internacional e o multilateralismo, continua com as aventuras neoimperialistas e a implementação da doutrina (Don)roe no 'nosso hemisfério'.

A *Suprema Corte dos EUA* questionou o poder de Trump tarifar o *comércio internacional* dos EUA e isto embaralhou as cartas. As tarifas impostas por sua administração, embora apresentadas como instrumentos de política externa e de segurança nacional, configuravam, na prática, tributos instituídos sem autorização explícita do Congresso, que é quem tem, pela Constituição americana, o poder de tributar. Trump desafiou a medida, instituindo uma sobretaxa; a ver, agora, como se resolve este imbróglio entre os poderes constituídos.

No discurso sobre o '*Estado da União'*, por meio do qual em todos os janeiros o presidente dos EUA presta contas ao Congresso, Trump apresentou, segundo a maior parte dos analistas políticos, um imenso rosário (quase 2 horas) de autoelogios, algumas verdades e muitas inverdades, sobre política interna e política exterior (ver: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/duracao-de-1h47-leia-na-integra-o-discurso-de-trump-do-estado-da-uniao/).

Nada indica que as estremecidas relações entre os gigantes do Atlântico Norte – Estados Unidos e Europa – tenham entrado em rota de plena normalidade. A desconfiança continua alta e os europeus continuam avançando na caríssima remilitarização do continente a que se propuseram. Ainda que os acenos do *Secretário de Estado Marco Rubio*, na *62ª. Conferência de Segurança de Munique,* em 14/02, tenham aliviado um pouco a pressão, ao enfatizar os laços históricos e culturais que unem os Estados Unidos e a Europa, mas criticando a forma como a globalização foi implementada e o abandono dos nacionalismos pelos europeus, tão caro à ideologia trumpista.

A **Conferência de Segurança de Munique (MSC)** é realizada todos os anos na capital do estado alemão da Bavária; neste ano transcorreu entre XX e XX de fevereiro. Personalidades de alto nível da política, dos negócios, da ciência e da sociedade civil de todo o mundo participam da conferência – embora ela não seja organizada pelo governo federal, mas sim um evento privado. Nosso analista ***Juan Garay,*** expõe a ferida em artigo neste fascículo, alertando que uma das principais causas da (in)segurança do mundo não foi tocada: as *desigualdades* profundas, globais e crescentes. "De Potsdam (1945) a Munique (2026), a humanidade alcançou um extraordinário progresso tecnológico e melhorias expressivas na esperança de vida e no conhecimento científico. Contudo, governança, equidade e responsabilidade ecológica ficaram para trás. A legitimidade institucional enfraquece, as desigualdades em saúde persistem e os sistemas planetários degradam-se. O caminho adiante é claro: é preciso alinhar tecnologia, governança e justiça", afirma ele.

Em linha parecida vem o alerta de ***Richard Horton**, editor do Lancet*, que afirma em editorial de 21/02: "Proliferação nuclear. Inteligência artificial. Energia. Populismo. Venezuela. Rússia. Gaza. Ucrânia. Irã. Sudão. Esses foram alguns dos temas da Conferência de Segurança de Munique deste ano. *Onde estava a saúde? Ausente*. O mais próximo que chegou foi uma única mesa redonda sobre biossegurança. (...) Alguns defensores da saúde global estavam presentes. Mas eles não estavam no programa principal. Isso não é notável o bastante, considerando que há apenas alguns anos mais de 18 milhões de pessoas no mundo morreram durante os primeiros 2 anos da pandemia de COVID-19?" (ver: Offline: Por que Munique errou no alvo – The Lancet)

A *Estratégia de Segurança Nacional dos EUA* *https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf* volta-se agora, no hemisfério ocidental – que Trump declarou ser para os americanos – para a tentativa de definitivamente sufocar ***Cuba.***

Após um embargo comercial de mais de três décadas, condenado por inúmeras resoluções da *Assembleia Geral da ONU* no transcorrer desse período, a situação se agravou depois do sequestro de Maduro pelos EUA e a proibição de a Venezuela continuar enviando petróleo a Cuba. Por meio de uma ordem executiva da Casa Branca, Trump ameaça impor tarifas adicionais aos países que vendem óleo para o país, incluindo o México. Os países têm, então, apelado para a estratégia do envio de ajuda humanitária, com alimentos, medicamentos e outros itens, por meio das Nações Unidas. A fragmentação política da ALC tem sido barreira importante para uma atuação coordenada dos países da região, assim como as ameaças dos EUA a quem ousar ajudar o pequeno país caribenho.

O Brasil vai enviar ajuda humanitária a Cuba. Segundo o ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira, o Brasil enviará alimentos e insumos, utilizando as estruturas de ajuda humanitária do Brasil, com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e, se necessário, também estruturas e iniciativas das Nações Unidas, como a FAO, o Programa Mundial de Alimentação (PMA) e a Aliança contra a Pobreza e a Fome, que o Brasil lançou por ocasião da sua presidência do G20.

Na esfera global, avança a esperada iniciativa do *Acordo de Parceria Mercosul – União Europeia* firmado em Assunção, em 17/01/2026 (ver: *Texto do Acordo Mercosul – União Europeia — Ministério das Relações Exteriores*), que fortalece o multilateralismo, o comércio e a cooperação internacional. Os Congressos de Argentina e Brasil já aprovaram o Acordo que assim pode entrar em vigor por este lado – enquanto países europeus anunciam que vão implementá-lo unilateralmente, apesar dos obstáculos criados pelo Parlamento Europeu e pela França.

====*====

Regiões, territórios e temas em foco

Nossos analistas apresentam a seguir, em seus respectivos informes, as diversas **instituições do sistema multilateral** e temas de que elas se ocupam: *desenvolvimento, direitos humanos, trabalho, saúde da mulher e da criança, fome e segurança alimentar, comércio e propriedade intelectual, meio ambiente, saúde, educação e cultura, migração e refúgio, entre outros, e incluindo as instituições de Bretton Woods (FMI e Banco Mundial) e os bancos regionais de desenvolvimento*. Sempre que possível buscando explicar os nexos e impactos destes temas sobre a saúde humana e planetária**.** Também buscamos cobrir o posicionamento da *sociedade civil global de interesse público e de interesse privado*, ator de enorme importância nos destinos da saúde global e da diplomacia da saúde.

Pesquisador e analista responsável por acompanhar a complexidade das Nações Unidas, ***Alcázar*** apresenta e comenta a estrutura da ONU: os seis órgãos principais da ONU, bem como as seis comissões da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU). As Nações Unidas apoiam-se sobre três pilares – paz e segurança, direitos humanos e desenvolvimento. Os trabalhos realizados nos órgãos e nas comissões refletem os três pilares unidos pelo direito internacional. A agenda e as resoluções são resultado do esforço de procurar manter o foco na dignidade humana. Um dos pontos da agenda e de algumas resoluções é "Implementação das resoluções das Nações Unidas", que sugere preocupante deficiência. Os acontecimentos recentes apenas confirmam que Estados fora-da-lei são responsáveis pelas barreiras interpostas para alcançar o propósito de um mundo melhor, o compromisso original inscrito na Carta das Nações Unidas.

Guimarães trata da escalada dos preços dos medicamentos, destacando que, nos próximos anos, os gastos com remédios avançarão a um ritmo três vezes superior ao do consumo. Nessa nova fase, de financeirização, a Big Pharma passa a inovar menos, concentrar ainda mais o mercado e apostar sobretudo em tecnologias de altíssimo custo — assumindo, progressivamente, o perfil de um grande fundo de investimentos.

Garay analisa o avanço do gasto militar global, que atingiu US$ 2,7 trilhões em 2024, contrastando-o com as persistentes iniquidades estruturais responsáveis por milhões de mortes evitáveis em países deficitários. O autor discute o conceito de "PIB tóxico", destacando o custo de oportunidade desses investimentos — estimado em cerca de 4,5 milhões de vidas que poderiam ser salvas anualmente — e propõe a objeção fiscal ética seletiva como estratégia para redirecionar recursos a políticas que preservem a vida. O texto também examina a retórica da Conferência de Segurança de Munique de 2026, marcada pela reafirmação da supremacia ocidental e pela intensificação das tensões globais.

O informe de ***De Negri Filho e Gaspar*** analisa o a primeira semana da *61ª sessão do* ***Conselho de Direitos Humano****s (CDH/HRC)* enfatizando a abertura, o Segmento de Alto Nível (HLS), o início dos diálogos/painéis e na Atualização Global do Alto Comissário (ACNUDH/OHCHR). Integra a síntese do comunicado oficial de abertura e analisa as falas de António Guterres (SG/ONU), Annalena Baerbock (PGA/AGNU), Volker Türk (ACNUDH) e Ignazio Cassis (Suíça), trazendo destaques regionais (China, Cuba, União Europeia e África do Sul) e documentando a ação do Brasil (igualdade racial e população em situação de rua), concluindo com algumas tendências político-normativas.

O artigo de ***Reges, Bermudez e Galvão,*** analisa a Estratégia CEPI 3.0 para o período 2027-2031, lançada pela **Coalizão para Inovações em Preparação para Epidemias** (CEPI), com a meta de consolidar a *Missão dos 100 Dias*: desenvolver vacinas seguras e eficazes contra novas ameaças pandêmicas em até cem dias após a identificação do patógeno. O documento estrutura-se em três eixos: (1) avanço científico e tecnológico, com foco em vacinas para patógenos prioritários e plataformas adaptáveis; (2) redes globais de P&D e capacidade produtiva regionalizada; e (3) sustentabilidade financeira e modelos de acesso equitativo. Em paralelo, o **Acordo de Pandemias**, negociado no âmbito da **Organização Mundial da Saúde**, estabelece compromissos jurídicos para prevenção, preparação e resposta, incluindo cooperação científica, fortalecimento de sistemas de saúde e mecanismos de acesso a contramedidas. Enquanto a CEPI concentra-se na aceleração tecnológica, o Acordo busca oferecer o arcabouço normativo e político para que essas inovações sejam compartilhadas de forma mais equitativa.

Na área de **ambiente e saúde**, ***Magalhães e Galvão*** explicam que a análise integrada dos *relatórios do IPBES, do IISD e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)* evidencia que a crise ambiental global possui implicações diretas e profundas para a saúde pública. Embora abordem dimensões distintas — biodiversidade e economia, governança ambiental internacional e ação institucional —, os três documentos convergem ao demonstrar que a degradação ambiental, associada a falhas estruturais na governança global, intensifica riscos sanitários em escala planetária. A perda acelerada de biodiversidade compromete serviços ecossistêmicos essenciais, como regulação climática, polinização e qualidade da água, afetando diretamente a segurança alimentar, a disponibilidade de recursos naturais e a emergência de doenças infecciosas. Ao mesmo tempo, a fragmentação geopolítica e as limitações do multilateralismo ambiental dificultam a implementação de políticas capazes de reduzir emissões, controlar poluentes e proteger ecossistemas. Os relatórios também destacam que a poluição do ar continua sendo uma das maiores ameaças à saúde global, associada a milhões de mortes prematuras por ano, enquanto o aquecimento global projeta impactos crescentes sobre doenças relacionadas ao calor, insegurança alimentar e expansão de vetores de enfermidades infecciosas. Em conjunto, esses documentos indicam que a proteção da saúde humana depende cada vez mais da capacidade de fortalecer a governança ambiental global e da integração de políticas de clima, biodiversidade e poluição às estratégias de saúde pública.

Em outro artigo na área de **ambiente e saúde**, ***Galvão e Magalhães*** afirmam que a mudança climática é o determinante de saúde global mais relevante do século XXI, mas a arquitetura de governança projetada para contê-la carece de qualquer mecanismo de aplicação automática. O ensaio propõe uma reforma em duas camadas — uma Câmara deliberativa que codifica compromissos políticos e um Ledger distribuído que executa consequências pré-acordadas automaticamente quando esses compromissos não são cumpridos. Argumentam que essa arquitetura deve incorporar dados de impacto à saúde em sua rede de verificação, direcionar financiamento automático para a resiliência dos sistemas de saúde em países de baixa e média renda, e conceder direitos formais de participação às instituições de saúde global. Sem uma governança climática aplicável, as populações que suportam a maior carga de doenças sensíveis ao clima — concentradas na África Subsaariana, no Sul e Sudeste Asiático e na América Latina — continuarão absorvendo danos que não causaram e não podem arcar com a mitigação.

Peres analisa o *relatório anual sobre Emprego e Tendências Sociais* da **Organização Internacional do Trabalho**, edição 2026, lançado em janeiro último. O informe aponta que apesar do registro de estabilidade na taxa global de desemprego, muitos desafios ainda persistem no mundo do trabalho, ao redor do planeta. Sejam as barreiras para o ingresso de jovens no mercado de trabalho, sejam as históricas desigualdades de gênero e raça, os desafios desvelados pelo relatório apontam para a necessidade de uma ação coordenada entre instituições de diferentes setores, governos e a sociedade civil, com o objetivo de promover o trabalho decente e a justiça social, sobretudo em regiões e países tradicionalmente vulnerabilizados frente à expansão das grandes cadeias de suprimentos e do comércio digital. O Brasil apresenta uma tendência distinta do conjunto de países de renda média-alta, registrando, em 2025, as menores taxas de desemprego desde o início da série histórica, em 2012, inclusive para a faixa etária de 18 a 24 anos. Apesar dos números positivos, alguns desafios ainda persistem, como as iniquidades de gênero e raça no mundo do trabalho, bem como as marcadas diferenças entre os padrões apresentados nas diferentes regiões do país.

O informe elaborado pelo ***Grupo de Trabalho sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global*** analisa a reorientação da resposta global ao deslocamento forçado à luz das prioridades

anunciadas pelo novo **Alto Comissário do ACNUR**, enfatizando a transição de modelos centrados na assistência prolongada para soluções duradouras, autossuficiência e maior eficiência financeira. Examina também as *crises no Burundi e no Afeganistão*, destacando pressões sobre sistemas de acolhimento, retornos em contextos frágeis e déficits de financiamento. Por fim, discute o **Guia brasileiro de salvaguarda de direitos humanos em desastres climáticos,** ressaltando a incorporação de uma abordagem baseada em direitos para migrantes, refugiados e apátridas. O conjunto evidencia a necessidade de respostas integradas, sustentáveis e orientadas por direitos diante do agravamento das crises humanitárias e climáticas.

Com foco na **saúde da mulher e da criança**, ***Massari, Vilella e Gomes*** trazem o *documento técnico sobre mortalidade materna em contextos de conflito e fragilidade institucional,* analisando como esses cenários comprometem sistemas de saúde, ampliam desigualdades e impactam de forma desproporcional mulheres e meninas. Discute a relação entre violência armada, determinantes estruturais e direitos sexuais e reprodutivos, situando a morte materna como expressão de vulnerabilidades sociais e políticas. Ao final, amplia a reflexão para o bombardeio de uma escola no Irã, relacionando o episódio às estruturas de poder, às desigualdades de gênero e aos efeitos da guerra sobre a vida e o futuro de meninas e mulheres.

No campo da **segurança alimentar e nutricional global**, ***Nilson e Oliveira*** refletem sobre a transição do movimento global contra a obesidade entre os marcos de 2025 e 2026. Partindo dos alertas lançados no *Atlas Mundial da Obesidade 2025* e da resposta política aquém do esperado na Quarta Reunião de Alto Nível da ONU sobre DCNTs, chegamos ao *Dia Mundial da Obesidade 2026*. Sob o tema "*8 Bilhões de Razões para Agir Contra a Obesidade" ("8 Billion Reasons To Act on Obesity")*, a campanha deste ano convoca a comunidade de saúde global a transformar a frustração política do ano anterior em ação estrutural, diante de dados que consolidam a obesidade como uma das mais prementes crises sanitárias, econômicas e sociais do século XXI.

O artigo de ***Sanglard, Barros, Rodrigues e Gaspar*** traz um breve relatório das principais ações da **Unesco-Brasil**, ressaltando o que a instituição identifica como importante no seu *relatório de atividades de 2025*, publicado em fevereiro de 2026. Mais do que um balanço de ações, o documento fornece um mapa importante das ações do organismo internacional no país. Temas como a atuação das cátedras e a reunião entre as cátedras Unesco-Brasil, as ações de educação, ciências naturais e ciências humanas e sociais são alguns dos destaques aqui presentes; bem como Ciência Aberta e outros temas que estiveram presentes em nossos informes de 2025.

Analisando as instituições financeiras internacionais, ***Cazumbá*** aponta que o **Banco Mundial** aborda, em recente publicação, a *formação do capital humano*, indicando que os bairros, as casas e os locais de trabalho são fundamentais para o crescimento econômico e a redução da pobreza, além de contribuir para uma força de trabalho mais fortalecida para os empregos que virão. O Banco revelou na publicação que os países de baixa e média renda vem enfrentando desafios na saúde, na educação e na melhoria das habilidades da força de trabalho. A instituição financeira identificou que mais da metade dos ganhos futuros da população destes países irão arcar com os custos destes setores. Em sua publicação, o Banco Mundial sugeriu que se aumentem os investimentos em capital humano, focando especialmente nos bairros, nas casas e nos locais de trabalho para reverter este cenário.

Já o Informe de ***Tavares*** inaugura uma série de textos sobre as perspectivas para 2026 de cada um dos **Bancos de Desenvolvimento Regionais Internacionais (BRDs**). Neste primeiro texto da série são descritas e analisadas as principais tendências para 2026 da atuação do Banco de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe (conhecido como CAF), parceiro relevante no financiamento de projetos de desenvolvimento econômico e social dos países da região. Aqui são apresentados os principais propósitos, metas e projetos para o período a partir de 2026. Como o principal evento regional patrocinado e organizado pelo CAF no início deste ano, o Fórum Econômico Internacional América Latina e Caribe 2026 também foi incluído neste Informe.

Chamas e Cesário abordam os preparativos para a **14ª Conferência Ministerial da OMC (MC14),** destacando o lançamento de um *plano de trabalho para a reforma institucional* da organização. Sob a coordenação do facilitador Petter Ølberg, os membros discutem mudanças nos processos decisórios, tratamento especial e diferenciado, solução de controvérsias e igualdade de condições, buscando um roteiro equilibrado e politicamente *respaldado para o período pós-MC14. Paralelamente, o Comitê de Comércio e Meio Ambiente debate maior transparência em medidas comerciais relacionadas ao clima, padrões de carbono e seus impactos sobre países em desenvolvimento. Na segunda parte, com base no World Intellectual Property Report 2026* da **OMPI**, o texto analisa a aceleração histórica da difusão tecnológica, evidenciando que, embora o tempo de adoção tenha diminuído drasticamente, os fluxos de conhecimento permanecem concentrados em economias avançadas. Estudos sobre tecnologias agrícolas, limpas e digitais revelam a importância da capacidade absortiva, infraestrutura e regimes de propriedade intelectual. Por fim, a nota da **UNCTAD** sobre a "miragem da resiliência econômica global" contextualiza esses desafios em um cenário de crescimento moderado, restrições fiscais, endividamento crescente, competição por minerais críticos e emergência climática, ressaltando a necessidade de cooperação multilateral e financiamento sustentável para o desenvolvimento.

O ***GT sobre Movimentos Sociais Globais e Saúde***, liderado por ***Luis Eugênio de Sousa,*** sistematiza posicionamentos e iniciativas de **40 organizações da sociedade civil (OSC) no campo da saúde global**, monitoradas entre 05 e 26 de fevereiro de 2026. No período, destacaram-se como temas centrais: crises humanitárias e conflitos armados (com ênfase em Ucrânia e Sudão), igualdade de gênero e dignidade menstrual, governança e financiamento da saúde global, preparação para emergências sanitárias, prevenção de doenças crônicas não transmissíveis e impactos das mudanças climáticas na saúde. Entre as organizações com maior incidência temática figuram a Médicos Sem Fronteiras, a World Vision International, a ActionAid International, a Fòs Feminista, a Gavi, the Vaccine Alliance e a NCD Alliance. Observam-se *convergências de posições entre as OSC de interesse público e as de interesse privado*, na defesa da equidade em saúde, proteção de populações vulneráveis e fortalecimento do multilateralismo, assim como nas referências aos desafios relacionados à sustentabilidade do financiamento e à coordenação internacional.

Na análise do **Sul Global**, ***Ungerer, Kastrup e Monteiro*** relatam que, em fevereiro de 2026, o cenário da cooperação internacional foi marcado pela redefinição estratégica de instituições-chave e pelo avanço de parcerias técnicas. O **UNOSSC** apresentou seu *Marco Estratégico 2026-2029*, transitando de executor a catalisador global via financiamento misto, enquanto o **G-77 e China** reforçaram a urgência da reforma financeira global e da erradicação da pobreza frente à Agenda 2030. A **diplomacia brasileira** consolidou sua presença estruturante na África. A **ABC** inaugurou escritório em Adis Abeba para interlocução com a União Africana, ao passo que a **Fiocruz** avançou em Angola e parcerias com a DNDi. Em Moçambique, a cooperação triangular Brasil-Japão elevou a gestão hospitalar local, reafirmando o compromisso do país com

a saúde global. No plano normativo, o **MNA** e **o Centro Sul** articularam em Genebra a defesa da soberania tecnológica e fiscal. Os debates focaram na governança equitativa da Inteligência Artificial e em minerais críticos, contrapondo-se às limitações da OCDE e OMC. Ações concretas, como a sinergia farmacêutica Índia-Sérvia ("farmácia do mundo"), exemplificaram a busca por autonomia. Complementando essa agenda, a **NAMYO** promoveu o Fórum de Jovens Líderes, integrando soberania educativa e justiça climática através de "Empregos Verdes". O **Centro Sul** encerrou o mês propondo o *Global South Hub* e o uso de IA para coordenação diplomática, buscando transformar o discurso de não ingerência em resiliência econômica e autonomia tecnológica concreta para o Sul Global.

Em seguida, ***Hoirisch*****,** apresenta a **primeira reunião dos sherpas e sous-sherpas do BRICS sob a presidência da Índia,** que ocorreu em Nova Delhi, em 9-10 de fevereiro de 2026, na qual foram discutidas as prioridades de cooperação do BRICS e os principais eventos do ano. O processo de preparação para a *18ª Cúpula do BRICS* foi oficialmente lançado. Os sherpas do BRICS e altos funcionários do Brasil, China, Rússia, África do Sul, Egito, Etiópia, Indonésia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos participaram da reunião. Dentre as prioridades da Índia, presidente de turno, estão cooperação em saúde, redução do risco de desastres, meio ambiente, mudanças climáticas, energia e inovação. Ainda no encontro, Pequim expressou disposição em colaborar com a Índia, presidente do grupo, e com os outros membros e parceiros do BRICS para aprofundar a cooperação prática, otimizar os mecanismos de trabalho, fortalecer a coordenação plurilateral e defender a justiça internacional. À margem do encontro de sherpas, Índia e China realizaram o *Diálogo Estratégico Índia-China,* no qual analisaram os recentes progressos na estabilização das relações bilaterais, discutiram os desenvolvimentos regionais e internacionais e apoio mútuo nas presidências do BRICS em 2026 e 2027. Ainda em fevereiro, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, iniciou sua missão oficial na Índia para fortalecer a cooperação bilateral em áreas como produção de medicamentos e vacinas, medicina tradicional para o SUS, tecnologias digitais e inteligência artificial.

O informe de ***Burger, Estephanio e coautores*** analisa a presidência dos Estados Unidos no **G20**, marcada pelo silêncio institucional do bloco, pela centralidade da agenda financeira e pela atuação conjunta do Brasil e da Rússia em defesa da representatividade da África do Sul. A presidência francesa do **G7** em 2026 começou com reuniões dos Sherpas e ministros das finanças, relações exteriores e comércio, definindo as bases para a Cúpula de Évian. As prioridades incluem resgate do multilateralismo, redução de desequilíbrios macroeconômicos, segurança internacional e crescimento sustentável. O encontro anual sobre saúde será em 7 de abril, em Lyon, e a ênfase é *Uma só Saúde*. Os destaques da **OCDE** se dividem entre a atualização de cinco de seus índices estatísticos econômicos sobre a economia internacional, a publicação de dois estudos sobre o mercado de trabalho no setor de saúde e uma reavaliação do papel e das análises da OCDE no contexto da Covid-19.

No informe sobre **América Latina e Caribe (ALC),** nossos analistas ***Brito e Tobar*** informam que a quinzena foi marcada pela aproximação de países como *Argentina e Panamá* aos EUA em questões econômicas e de saúde. Os *EUA* começam a implementar acordos bilaterais de saúde em países como *Panamá e República Dominica*. Além disso, trazemos o aprofundamento da crise nos diretos humanos na *Colômbia* e a deterioração das condições sociopolíticas em *Cuba.* No acompanhamento das *organizações regionais*, destacamos a realização de reunião técnica sobre SARS-CoV-2 pelo **ORAS-CONHU** e o lançamento da plataforma sobre boas práticas de manejo do fogo.

Magallanes apresenta um panorama do Peru, às vésperas das eleições 2026, combinando estabilidade macroeconômica com profundas desigualdades sociais e fragilidades estruturais. Na saúde, apesar da alta cobertura de seguros e ganhos em esperança de vida, o sistema permanece fragmentado, subfinanciado e com baixa capacidade resolutiva no primeiro nível de atenção. Diante da transição epidemiológica e da persistência de pobreza e informalidade, o próximo governo terá o desafio de transformar estabilidade em desenvolvimento social, integrando subsistemas, fortalecendo a atenção primária, ampliando infraestrutura e avançando na digitalização, agenda que também aparece nas propostas eleitorais divulgadas até agora.

Rocio Sáenz e colegas, em nome do *Board of Directors and Technical Secretariat of the Health Equity Network of the Americas (HENA)* publicaram importante artigo no *The Lancet Regional Health – Americas*, no qual propõem alternativas ao desfinanciamento da pesquisa em saúde na região, devido a suspensão de recursos de instituições dos EUA. Exemplificam com diversas iniciativas em curso na região. Reproduzimos o artigo traduzido ao português neste fascículo.

O ***GT Fiocruz sobre África***, liderado por ***Silva***, trata da **39ª Cúpula da União Africana** em Adis Abeba, que marcou a transição da presidência de Angola para o Burundi, com o tema de *água e saneamento sustentáveis para a Agenda 2063*. Líderes africanos reafirmaram a tolerância zero contra mudanças inconstitucionais de governo e exigiram representação equitativa no Conselho de Segurança da ONU. António Guterres alertou que o continente perde mais com juros e fluxos ilícitos do que recebe em ajuda financeira. Com mais de 30 países enfrentando crises de dívida, a estratégia proposta foca na industrialização e transformação local de matérias-primas. O Senegal exemplifica a busca por soberania ao rejeitar a reestruturação do FMI, optando por financiamento regional e novas taxas sobre a economia digital.

No seu informe sobre a **Europa**, ***Freire*** comenta que a *Conferência de Segurança de Munique de 2026*, guiada pelo relatório *"Em Demolição"*, retrata o colapso da ordem internacional pós-1945 liderada pelos EUA, o enfraquecimento do multilateralismo, a crise de confiança nas democracias do G7 e a erosão da relação transatlântica. Embora os EUA prometam revitalizar laços com a Europa e reafirmem a importância da Otan, condicionam a aliança a seus próprios interesses. A guerra na Ucrânia entra em seu quinto ano sem solução. Paralelamente, o ataque dos EUA e Israel ao Irã elevou as tensões, levando a França a anunciar uma expansão de seu arsenal nuclear. À medida em que os gastos militares crescem, investimentos sociais diminuem. Na esfera econômica, a **Comissão Europeia** anunciou a implementação provisória do acordo UE-Mercosul. Na Ucrânia, ataques a serviços de saúde se intensificam, enquanto a OMS alerta para a deterioração humanitária. Apesar do cenário sombrio, a Dinamarca foi certificada por eliminar a transmissão vertical de HIV e sífilis, sinalizando avanços pontuais em meio à instabilidade global.

Já ***Marques***, no seu informe sobre **Ásia e Oriente Médio,** resume que o mundo não estava em paz. Sabemos disso. Mas ainda seguia uma ordem gerenciada, embora com falhas, pela ONU e seu Conselho de Segurança desnivelado. Caminhávamos lentamente para uma recuperação econômica pós pandemia e para pequenos avanços. Mas desde que Trump 2.0 assumiu a presidência americana em 2025, as tensões, disputas e ameaças cresceram, os pequenos avanços retrocederam e os investimentos foram deslocados para militarização. Não só nas grandes potências, mas nas potências médias. Aliados viraram rivais. Mudanças de lado. Confianças perdidas. Guerras por territórios, guerras genocidas, guerras por soberania

tecnológica e de dados, guerra por hegemonia, guerras para conter a China, guerras sobre poder econômico, guerras para desviar o foco da mídia e cujas justificativas escondem outros interesses, enfim, guerras porque alguém acordou de mal humor. Da ordem ao caos é o que temos hoje. Neste momento, guerras saem das ameaças para explodir em bombas, envolvendo *Irã*, ou estoura entre *Paquistão e Afeganistão*, diminuindo a chance de paz no *Oriente Médio*. *Trump* se move de acordo com seus próprios interesses particulares. *Netanyahu*, precisa deixar de ser um pária e mostrar poder para garantir não ser preso. Ambos precisam de ações pirotécnicas. E esta guerra traz à tona diferentes interesses e nossas próprias contradições. O mundo caminhou nesta direção e não fizemos nada. Ao ponto que chegou, qual seria a alternativa? Com certeza essa guerra não era a solução menos ruim. Diante desse cenário de incertezas, o Brasil faz movimento estratégico inteligente, diversificando parcerias na Ásia. Excelente para Fiocruz.

Em seu artigo sobre a **China**, ***Lobato e parceiros*** destacam que Wang Yi diz na *Conferência de Munique* que um "certo país" é a razão do mal funcionamento do sistema internacional, e propõe uma revisão das lentes de competição e cooperação entre as nações mais poderosas. O Embaixador chinês no *Conselho de Segurança* diz que cessar-fogo, palestinos governando Gaza e a solução dos dois Estados são o único caminho para a Paz. *Plano Quinquenal de Medicina Tradicional Chinesa* busca unir medicina étnica com tecnologia e inovação. China continua reduzindo *emissões de CO2*, com indústria química ainda como grande contribuidora da queima de carvão. *Hong Kong* lança documento sobre segurança na esteira da prisão de Jimmy Lai, o bilionário de mídia condenado por trabalhar para dividir o país

Sobre o sistema de saúde dos **EUA**, ***Luiz Augusto Galvão*** analisa as mudanças significativas nas últimas duas semanas na política norte-americana de saúde, com repercussões tanto globais quanto domésticas. O governo dos Estados Unidos concluiu formalmente sua saída da Organização Mundial da Saúde (OMS), encerrando décadas de participação, financiamento e cooperação técnica que moldaram a arquitetura da saúde internacional. Em paralelo, a nova estratégia americana de saúde global avançou com a assinatura de acordos bilaterais com 21 países, representando cerca de 20 bilhões de dólares em comprometimentos de recursos. No plano interno, os norte-americanos enfrentam aumentos históricos nos prêmios de saúde em todas as modalidades de cobertura, além de cortes no Medicaid e novas exigências de elegibilidade que afetam dezenas de milhões de pessoas. Especialistas apontam riscos concretos para programas globais de combate ao HIV/AIDS, tuberculose e malária, ao mesmo tempo em que potências como a China buscam preencher o vácuo de influência deixado pelos Estados Unidos na governança sanitária internacional.

A seção **ESTANTE** traz breves informações e resumos de livros, revistas, relatórios e vídeos sobre temas de saúde global e diplomacia da saúde. A ideia é permitir que nossos analistas, mas também leitores e colaboradores, compartilhem dicas sobre o que leram, viram ou ouviram e que gostaram. Os comentários não devem ultrapassar 150 palavras para que possamos compartilhar diversas contribuições a cada fascículo editado. A ESTANTE fica no final do fascículo, antes da lista de autores e dos créditos dos Cadernos.



Seminários Avançados da Fiocruz discutem sistemas de saúde no mundo em 11 de março



MS e Fiocruz firmam acordos para produção de insumos para a saúde com a Índia e a Coréia



Na visita do presidente Lula à Índia, durante *Fórum Empresarial Brasil-Índia*, em Nova Delhi, foram assinadas, em 21/2, duas parcerias com instituições indianas nas áreas de pesquisa, desenvolvimento e inovação de medicamentos imunossupressores e para o câncer, doenças raras e doenças negligenciadas. A Fiocruz, que integrava a delegação do Ministério da Saúde, deverá ficar responsável pelo recebimento da transferência das tecnologias e produção em solo brasileiro. (Ver: https://fiocruz.br/noticia/2026/02/fiocruz-integra-comitiva-do-ms-e-firma-parcerias-na-india e https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2026/fevereiro/ministerio-da-saude-assina-parcerias-na-india-para-producao-de-medicamentos-contra-o-cancer-no-sus)



Já no *Fórum Empresarial Brasil-Coreia*, a Fiocruz firmou, em 23/2, três acordos de cooperação tecnológica com empresas sul-coreanas, durante a missão oficial do Governo brasileiro. "Junto com as parcerias aqui firmadas entre a Fiocruz e as empresas Optolane, Genbody e Greencross para testes de diagnóstico rápido e dispositivos médicos, estamos consolidando uma aliança de longo prazo entre os sistemas de saúde de nossos dois países", afirmou o ministro da Saúde brasileiro, Alexandre Padilha, no Fórum. Mais informações: Ver: https://fiocruz.br/noticia/2026/02/fiocruz-expande-parcerias-na-coreia-do-sul-para-ampliar-diagnosticos-no-sus e https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2026/fevereiro/brasil-e-coreia-do-sul-firmam-parcerias-estrategicas-no-valor-de-r-1-1-bilhao)

Seminário de Altos Estudos Poder Global

O Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro (IMS/UERJ), o Núcleo de Bioética e Ética Aplicada (NUBEA/UFRJ) e o Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (PEPI/UFRJ), promoverão, entre março e junho de 2026, a segunda edição do **Seminário de Altos Estudos Poder Global**, iniciativa acadêmica dedicada à análise crítica das transformações estruturais que caracterizam a contemporaneidade. O seminário propõe uma reflexão interdisciplinar sobre os rumos da humanidade, em um contexto marcado pela incerteza sistêmica, pela crescente complexidade dos fenômenos sociais e pelo esgotamento de paradigmas explicativos consolidados ao longo do século XX. O curso será composto por 15 encontros presenciais, com transmissão simultânea, realizados às segundas-feiras, das 9h30 às 12h30, no período de março a junho de 2026. A coordenação acadêmica é dos professores José Luís Fiori e Maria Claudia Vater. Os encontros serão realizados no IMS/UERJ – Rua São Francisco Xavier, 524, 6º andar, Bloco E. As inscrições estão abertas entre os dias 9 de fevereiro a 2 de março, através do link: bit.ly/poderglobal2026. Contato: eventosdoimsuerj@gmail.com

Conferência sobre Saúde Global do CUGH em abril

A Conferência CUGH 2026, realizada pelo *Consortium of Universities for Global Health*, em Washington (USA), de 9 a 12 de abril, terá como tema "*O Futuro da Saúde Global*". O evento abordará ameaças à saúde, desenvolvimento sustentável e equidade, apresentando mais de 220 palestrantes, 500 resumos, workshops e um festival de cinema. Para mais informações e registros, visite o site oficial: www.cugh2026.org.

Conferência Nacional dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil



A 1ª *Conferência Nacional dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (1ª Conferência Nacional ODS)*, que se realiza em Brasília, de 29 de junho a 02 de julho de 2026, tem como propósito central sensibilizar, mobilizar e formar amplamente a sociedade brasileira em torno do debate público sobre a *Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.* Busca-se, com máxima legitimidade, representatividade e participação social, promover um amplo processo democrático de construção de propostas e estratégias para implementação efetiva dos ODS em território nacional, bem como a promoção do letramento dos cidadãos e cidadãs sobre a Agenda 2030 e os ODS. Acesso a todas as informações sobre a Conferência em: 1ª Conferência Nacional ODS

Brasil comemora 40 anos da histórica 8ª Conferência Nacional de Saúde

Agradável coincidência: na semana que se comemora os 40 anos da histórica ***8ª Conferência Nacional de Saúde*** (Brasília, 17 a 21 de março de 2026), lança-se a Conferência dos ODS é um alento para o movimento em prol do desenvolvimento sustentável no Brasil.

A Oitava, como é afetuosamente chamada pelos brasileiros, produziu as bases do que viria a se constituir no capítulo sobre **saúde** da Constituição Federal de 1988.



Justiça por Marielle Franco Anderson Gomes repercute mundialmente

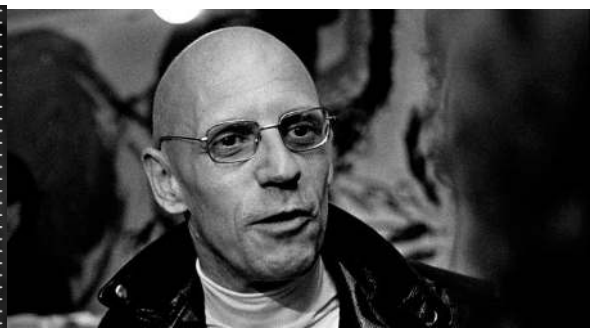


A condenação dos irmãos Brazão pelo assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes, em 2018, ganhou repercussão internacional após decisão do STF (STF) na 4ª. feira (26/02). Veículos como o britânico *The Guardian* destacaram a condenação dos irmãos Brazão, apontados como mandantes do crime. A *Agência Reuters* ressaltou a votação unânime e o suposto envolvimento dos condenados em esquemas ligados à ocupação irregular de terras públicas na Zona Oeste. O jornal espanhol *El País* classificou a decisão como histórica e afirmou que a condenação representa um marco na impunidade política no Brasil. Saudamos a justiça por estes dois bravos defensores dos direitos humanos e nos solidarizamos com suas famílias.

Centenários de Milton Santos e Michel Foucault em 2026

Em 2026 comemoram-se os centenários de nascimento de duas grandes personalidades mundiais que contribuíram substantivamente para a saúde e a saúde pública: o geógrafo brasileiro **Milton Santos** e o filósofo francês **Michael Foucault.**





Milton Santos (Brotas de Macaúbas [BA] 3/05/1926 – São Paulo, 24/06/2001) é um dos maiores geógrafos brasileiros, professor universitário (USP) e considerado um dos mais renomados intelectuais do

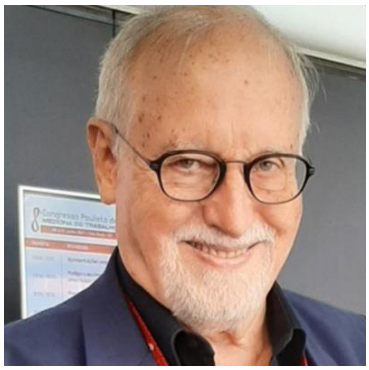
Brasil no século XX. Deu imensas contribuições à geografia social, sendo seus métodos e lições utilizadas para repensar a determinação social e espacial da saúde. Urbanização no mundo em desenvolvimento e globalização foram importantes focos de sua visão crítica e inovadora. Os currículos das instituições formadoras de saúde coletiva do Brasil estão 'forradas' de referências bibliográficas suas.

Michel Foucault (Poitiers, 15/10/1926 – Paris, 25/06/1984), filósofo, epistemólogo, filólogo e professor no Collège de France, pesquisou e escreveu sobre a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como forma de controle social por meio de instituições sociais. A medicina e a saúde foram foco de seus estudos, registrados nos célebres livros '*O Nascimento da Clínica'* e '*História da Loucura*', sustentados em teses estabelecidas no livro '*A Arqueologia do Saber*". Esteve muitas vezes ensinando no Brasil e também tem sido referência sempre presente nos currículos das instituições de formação em saúde coletiva no Brasil.

Dois livros imprescindíveis para o Brasil e para o mundo

Em 2026 também comemoramos **Josué de Castro**, o grande pensador brasileiro sobre a devastadora tragédia onipresente da fome. Neste ano seus dois livros seminais, *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951) completam, respectivamente, 80 e 75 anos de lançamento, mantendo-se ambos vivos por sua emoção comunicadora e estimulantes produtos históricos da intelectualidade engajada e militante do grande brasileiro.

René Mendes assume Observatório do Trabalho e da Classe Trabalhadora do IEA/USP



Criado no final de 2023, o **Observatório do Trabalho e da Classe Trabalhadora,** *no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP,* foi concebido como um "sistema de informação para ação", baseado em uma rede de "observadores e observadoras" e de analistas – atualmente 155 pessoas -, que monitoram permanentemente, e analisam criticamente um leque de cerca de 33 temas, assim agrupados: 1) Vigilância prospectiva e análise crítica das transformações no mundo do trabalho; 2) Vigilância prospectiva dos impactos das transformações no mundo do trabalho sobre a vida e a saúde; 3) Impactos das reestruturações produtivas e estratégias do capital sobre os territórios da vida; 4) Políticas públicas, regulação e direitos dos trabalhadores; 5) Utopias concretas, alternativas e experiências emancipatórias.

Como espaço plural, democrático e comprometido com a justiça social, o Observatório atua em diálogo permanente com movimentos sociais, populares e sindicais, afirmando o trabalho como dimensão histórica a ser transformada e defendendo o direito à vida plena para além da sua subordinação às lógicas do mercado. As atividades do Observatório incluem Seminários Interdisciplinares presenciais e híbridos mensais; reuniões semanais de atualização e reflexão (online); e as produções dispostas em seu recém-criado site https://otct.org/

O idealizador e coordenador do Observatório é **René Mendes,** querido e admirado colega, responsável, por mais de três anos, pelo informe quinzenal sobre *saúde e trabalho* do Observatório em Saúde Global e Diplomacia da Saúde da Fiocruz. Na oportunidade em que, pelas funções que assume no Observatório do IEA/USP, reduzirá sua dedicação ao nosso projeto, queremos ressaltar a imensa importância que teve para consolidar, entre nossos leitores, o hábito de bem informar-se com ele, nos informes produzidos entre nós, sobre saúde e trabalho na esfera global.



Será substituído pelo nosso querido colega do Centro de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH) da ENSP/Fiocruz, **Prof. Dr. Frederico Peres,** a quem damos as melhores boas-vindas, certos da sua excelência acadêmica e profissional.

A maioria de nossos autores e leitores são mulheres. Vivas a elas no seu dia, 8 de março!



Cadernos FIOCRUZ de Saúde Global e Diplomacia de Saúde há 6 anos servindo a comunidade global



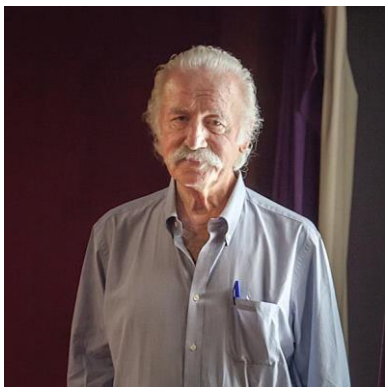
Com seu primeiro número tendo sido lançado em março de 2020, por ocasião da decretação pela OMS da Covid-19 como pandemia, os **Cadernos** se transformaram numa referência para a comunidade global da saúde e da diplomacia neste campo político e de conhecimento contemporâneo. Mais de 130 fascículos já foram lançados, a base de 22 a 23 por ano, com cerca de 280 páginas em média por quinzena, ou seja, mais de 5.000 páginas por ano. Cada fascículo contém em torno de 22 a 25 artigos de atualidades, escrito por cerca de 60 autores, que compartilham em torno de 500 referências de artigos, relatórios, declarações etc. sobre este dinâmico campo das relações internacionais em saúde. Todos os fascículos dos Cadernos estão disponíveis para exame ou *download* no site: Cadernos CRIS/Fiocruz: Informes sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde | Portal Fiocruz Para 2026 está programada a edição de 23 fascículos.

Catálogo de Seminários Avançados em Saúde Global e Diplomacia da Saúde 2020-2025



A coleção dos 137 Seminários do CRIS realizados de 2020 a 2025, com uma breve descrição e os links para acesso às versões em português, espanhol e inglês, está disponível para acesso ou download nos seguintes endereços: https://portal.fiocruz.br/seminarios-avancados-em-saude-global ou https://www.youtube.com/playlist?list=PLz0vw2G9i8v-mMVaQPrzpQUQhqa-0obSN. Tem se mostrado um recurso excelente para ensino e aprendizagem em saúde global e diplomacia da saúde, com cerca de 700 painelistas brasileiros e internacionais, abordando temas como a agenda da saúde global e ambiental, direitos humanos, *One Health*, C&T em saúde, os grandes eventos mundiais realizados nos últimos 6 anos, entre tantos outros temas de interesse para profissionais da saúde, da diplomacia e dos movimentos sociais. Para 2026 estão programados 23 seminários; os dois primeiros, sobre '*Geopolítica, saúde global e diplomacia da saúde'* (04/02) e 'Situação demográfica e epidemiológica global' (25/02), já estão disponíveis online no YouTube da Fiocruz.

Nossa homenagem a Carlos Linger, sanitarista argentino-brasileiro, recém falecido



Com imenso pesar, registramos o falecimento, em 24/02, do nosso colega, Carlos Alberto Linger, médico e sanitarista argentino, que foi pesquisador e assessor técnico ligado ao Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris/Fiocruz). Teve atuação destacada em cooperação internacional, especialmente em projetos tripartites (como Brasil-Cuba-Haiti), no qual trabalhou na estruturação de apoio ao sistema de saúde haitiano e em missões técnicas para o fortalecimento da manutenção hospitalar e infraestrutura de saúde.

Linger também foi representante da Opas/OMS, na Bolívia, Nicarágua e Costa Rica, com relevante contribuição por mais de 40 anos para a saúde pública da América Latina e Caribe. Na Fiocruz, atuou na organização de dossiês sobre desafios em relações internacionais em saúde, incluindo publicações na revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Foi autor de publicações técnicas registradas na base Arca Fiocruz, focadas em cooperação internacional e vigilância em saúde.

Formado pela Universidade de Buenos Aires, veio morar no Rio de Janeiro nos anos 1970 como exilado político, trabalhando inicialmente na atenção à formação médica e como consultor da OMS. Linger deixou dois filhos, com os quais nos solidarizamos pelo falecimento do pai e nosso sempre eterno companheiro.

====*====

Duas mensagens nos estimulam a persistir, nos Cadernos, com nossa mensagem pacifista e de lutas pela justiça social e a saúde e bem-estar globais. Como diz **Milton Nascimento**, Doutor *Honoris Causa* da Fiocruz, mantemos essa "estranha mania de ter fé na vida"; como nos impele **Antonio Gramsci**, filósofo marxista italiano, nos guiamos pelo "pessimismo da razão e o otimismo da vontade";

Produtos do *Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde da Fiocruz* e do *Centro Colaborador em Diplomacia da Saúde Global e Cooperação Sul-Sul da OMS/OPS na Fiocruz*, os Cadernos e os Seminários Avançados são tributos que prestamos à tais posições. Queremos sempre sua companhia. Boa leitura!

Rio de Janeiro, Manguinhos, 6 de março de 2026

Paulo M. Buss, Erica Kastrup e Fabiane Gaspar
Editor e editoras-associadas
Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde

